

# COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral  
Propriedade  
Da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**  
*www.comunhaolisboa.com*

**ANO 29**

**Nº 184**

**MAIO - JUNHO**  
**2012**

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	<b>2</b>
Calçada do Tojal, 95, s/c	<b>Palavras de Kardec</b>	<b>4</b>
1500-592 Lisboa	<b>O Maior Mandamento</b>	<b>6</b>
Telefone : 217 647 441	<b>Anencefalia</b>	<b>8</b>
*	<b>Sobre o Direito de Nascer</b>	<b>13</b>
Director Responsável :	<b>Retrato de Mãe (Poema)</b>	<b>14</b>
Manuela Vasconcelos	<b>A Celeste Percursora da ...</b>	<b>18</b>
*	<b>Páginas do Passado</b>	<b>20</b>
	<b>Equilíbrio Familiar</b>	<b>23</b>
Tiragem : 150 exemplares	<b>Suportemos</b>	<b>27</b>
Distribuição Gratuita	<b>A Lição do Arado</b>	<b>29</b>

\*

Registo nº.211720

\*

*(Mantemos a ortografia anterior ao  
último acordo ortográfico)*

Depósito Legal Nº. 13972

# EDITORIAL

Detemo-nos, muitas vezes, pensando nas reacções das pessoas a qualquer coisa de novo que se lhes peça para realizarem porque, principalmente naquelas um pouco mais velhas, um pouco menos habituadas a “coisas novas”, um pouco acomodadas ao “não experimentarem coisas novas”, a reacção de cada uma delas traduz-se sempre nas mesmas palavras: não sou capaz! E esta afirmativa é sempre a barreira por detrás da qual se defendem de tentarem – não dizemos o impossível, mas o diferente.

De que é que cada um de nós não é capaz? Já dimensionámos, realmente, as nossas capacidades, para concluirmos com o que podemos ou não fazer, com o até onde seremos capazes de irmos, se forçarmos um pouco a nossa vontade e disposição?

Quantos de nós, apenas para nos experimentarmos, nas horas mortas, já tentámos iniciar algo que seja diferente do que sempre fizemos ao longo dos meses ou até dos anos?

E, no entanto, quantas ‘habilidades’ escondidas em nós, quantas descobertas inimaginadas a que fomos abrindo a porta e acolhendo no nosso EU?

Qual de entre os leitores deste momento se pensou, há alguns anos atrás, a ligar um computador, movimentar um rato e abrir e fechar programas, jogando, escrevendo, pesquisando... como se assim tivesse agido toda a sua vida?

E uma dona de casa: quantas estavam habilitadas a cozinhar quando o começaram a ser? E quantas, ao nascer o primeiro filho, sabiam cuidar de um bebé, dar-lhe banho, alimentá-lo, cuidá-lo como todas as crianças necessitam?

Tudo somos capazes de fazer, numa escala maior ou menor, desde que realmente nos propunhamos realizá-lo. Não é um qualquer diploma obtido com mais ou menos esforços e estudo, que nos habilita para tudo porque, para cuidar da saúde de alguém que se encontre doente, lá está um médico a quem se recorre, porque para isso ele estudou; para construir uma casa, lá está a planta desenhada pelo arquitecto, que a entrega ao construtor e pela qual ele se guiará, para erguer fundações e paredes... e assim por diante, com cada um dentro do seu ofício específico, mas todos nós, quando não queremos ficar de braços cruzados, somos capazes de concretizar obras que alguns pensariam impossíveis...

Então, com os exemplos que estão a ser dados por alguns daqueles que, desempregados, procuraram criar coisas novas que servissem a cada um e aos restantes, vamos lembrar-nos todos, que fomos sempre muito criadores e sonhadores: vamos tomar nas mãos o tempo livre que temos e vamos transformá-lo em tempo ocupado com ideias que sejam práticas e úteis para uns e para outros. Vamos transformar o nosso cantinho num cantinho de todos... para que o seu espaço se alastre e amanhã, num amanhã mais ou menos distante, ele tenha deixado de ser apenas o nosso cantinho e tenha passado a ser o lugar de muitos... de muitos que dele se beneficiarão.

Entre ajuda é a palavra actual a ligar-nos uns aos outros. Vamos, todos, pô-la em prática!

## *A DIRECÇÃO*

# PALAVRAS DE KARDEC

## CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

*(Continuação)*

18 – A ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e de observação em observação chegou à concepção de **um só elemento** gerador de todas as transformações da matéria: mas esta, por si mesma, é inerte; ela não tem vida, nem pensamento, nem sentimento; é-lhe necessária sua união com o princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu nem inventou esse princípio, mas foi o primeiro a demonstrá-lo por meio de provas irrecusáveis; estudou-o, analisou-o e tornou evidente a sua acção. Ao **elemento material ajuntou o elemento espiritual. Elemento material e elemento espiritual**, eis os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indispensável desses dois elementos, explica-se, sem dificuldade, um sem número de factos até agora sem explicação.<sup>1</sup>

O Espiritismo, tendo por objecto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do universo, mantém forçosamente pontos de contacto com a maior parte das ciências; só poderia vir após a elaboração das mesmas, e nasceu, pela força das coisas, da impossibilidade de tudo explicar, unicamente com o auxílio das leis da matéria.

19 – O Espiritismo é acusado de parentesco com a magia e a feitiçaria; mas esquecem que a Astronomia tem, como irmã mais velha, a Astrologia judiciária, que não se acha tão distante de nós; que a Quimica é filha da Alquimia, da qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje. Ninguém nega, porém, que

houvesse na Astrologia e na Alquimia o gérmen das verdades de onde surgiram as ciências actuais. Malgrado suas fórmulas ridículas, a Alquimia contribuiu para que fossem descobertos os corpos simples e a lei das afinidades; a Astrologia apoiava-se sobre a posição e o movimento dos astros, que ela havia estudado; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição emprestava uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton, Kepler, tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio descerrou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que muitos consideraram indiscreto, os planetas nos apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso, e todo o castelo do maravilhoso se desmoronou.

A mesma coisa se deu com o Espiritismo, em relação com a magia e a feitiçaria; estas se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros; mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, elas mesclavam nessas relações, práticas e crenças ridículas, que o Espiritismo moderno, fruto da experiência da observação, abandonou. Seguramente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior que a existente entre a Astronomia e a Astrologia, entre a Química e a Alquimia; querer confundi-las é provar que nem a primeira palavra é conhecida a respeito do assunto.

*(Continua)*

**ALLAN KARDEC**

1 – A palavra **elemento** não é tomada aqui no sentido de **corpo simples, elementar, de moléculas primitivas, mas no sentido de parte constitutiva de um todo**. Neste sentido, pode dizer-se que o **elemento Espiritual** tem parte activa na economia do universo, tal como se diz que o **elemento civil** e o **elemento militar** figuram na estatística de uma população; que o **elemento religioso** entra na educação; que na Argélia há o **elemento árabe** e o **elemento europeu**.

*(Nota do rodapé, do tradutor, Victor Tollendal Pacheco).*

(In: A GÉNESE, 13ª ed., Lake, 1981, capítulo I).



## O MAIOR MANDAMENTO

*“Fazei aos homens tudo o que quereis  
que eles vos façam, porque essa é a lei e  
os profetas.” – MATEUS, VII: 12.*

Os noticiários das diversas TV's, como os jornais editados aqui e ali, vão-nos pondo a par das dificuldades sempre maiores que uns e outros vamos vivendo, e daquelas outras, aflitivas, de casais que trabalhando para a mesma entidade patronal, se viram, de um momento para o outro, sem o emprego que lhes garantia o tecto, o agasalho e o alimento não só dos próprios como, ainda e também, dos filhos de que são responsáveis.

E, a cada situação nova e repetida afinal, porque idêntica, de mais umas tantas firmas que fecharam, de mais umas tantas pessoas a

aumentarem a lista infundável dos desempregados, vem sempre a mesma palavra que a acompanha: a CRISE.

Por repetida, apetece-nos perguntar: crise, de quê? Para quem e para quê?

E enquanto nos detemos a procurar a resposta a estas perguntas, há aquele lamento de alguém mais desesperado ou com um pouco menos de fé, clamando que é impossível Deus existir e permitir que estas coisas aconteçam! Ou, então, é padraço...

Uma coisa que a Doutrina dos Espíritos nos ensinou foi que Deus se aproveita dos cataclismos provocados pelo homem ou pela Natureza para emendar o que se tornou errado devido à nossa ignorância e irresponsabilidade.

Jesus, esse Irmão Maior que Deus enviou à Terra para nos ensinar o caminho para o Pai quando mais perdidos nos encontrávamos, Jesus nos seus ensinamentos afirmou que *o Pai sabe tanto de cada um de nós que até sabe dos cabelos que nos caem da cabeça.*

Olhando à nossa volta, analisando o comportamento e atitudes das pessoas, verificamos o quanto o egoísmo, que parecia estar a desaparecer, se nota cada vez mais naqueles mesmos que pareciam não o ter... e então, perguntamo-nos se um dos motivos para esta crise ser tão demorada, tão diferente de tantas outras que já vivemos anteriormente, não estará relacionada com a necessidade de nos aprendermos a amar melhor – não amar no sentido do gostar mas naquele outro, bem mais profundo, de nos preocuparmos mais com uns e com outros, procurando ajudar quem o necessite... talvez, até, enquanto pomos de parte o desejo de uma toilette nova, de uma refeição fóra... de uma ida ao cinema? É que, a par daqueles que vivem, realmente, momentos angustiantes e angustiosos, estão aqueles outros que continuam a passar pela vida sem que nada os afecte: pessoas que apenas se preocupam consigo e com os seus desejos, pessoas que passam pela vida sem repararem nas mãos

vazias de quem não tem, sequer, uma côdea de pão duro para dar a um filhinho!

Embora pareça difícil, é bastante fácil fazermos as nossas refeições numa panela maior, deitando “mais água no feijão”, e onde, por norma, comem 3 ou 4, poderem passar a comer 5 ou 6... A melhor sobremesa, nos dias de hoje, não é aquela que se fez com uma receita mais sofisticada, mas a que saboreamos quando um sorriso agradecido, uns olhos lacrimosos que fingimos não ver, nos olham e acarinham substituindo todas as palavras de gratidão que nos poderiam ser dirigidas.

Pensando na afirmativa do Divino Amigo, e naquilo que os mais afortunados são capazes de fazer, se quiserem, para acabarem com tantas mãos vazias, pensamos que, em grande parte, depende de cada um de nós o tempo que esta crise demore em ficar. Mas pensamos, também, que lhe devemos dar combate desde já (e já é tarde), porquanto qualquer um, quando se instala, demora sempre mais tempo a abandonar o lugar que resolveu ocupar!

Então, vamos combater a crise, unindo esforços, corações e mãos, para que com o nosso empenho e amor pelo próximo possamos, de uma e de outra maneira, substituir as mãos vazias por mãos que o amor preencheu com carinho.

Se o quisermos fazer, consegui-lo-emos!

*MANUELA VASCONCELOS*

## **ANENCEFALIA**

“ Nada no Universo ocorre como fenómeno caótico, resultado de alguma desordem que nele predomine. O que parece casual,



destrutivo, é sempre efeito de uma programação transcendente, que objectiva a ordem, a harmonia.

“ De igual maneira, nos destinos humanos sempre vige a Lei de Causa e Efeito, como responsável legítima por todas as ocorrências, por mais diversificadas se apresentem.

“ O Espírito progride através das experiências que lhe facultam desenvolver o conhecimento intelectual enquanto lapida as impurezas morais primitivas, transformando-as em emoções relevantes e libertadoras.

“ Agindo sob o impacto das tendências que nele jazem, fruto que são de vivências anteriores, elabora, inconscientemente, o programa a que se deve submeter na sucessão do tempo futuro.

“ Harmonia emocional, equilíbrio mental, saúde orgânica ou o seu inverso, em forma de transtornos de vária denominação, fazem-se ocorrência natural dessa elaborada e transacta proposta evolutiva.

“ Todos experimentam, inevitavelmente, as consequências dos seus pensamentos, que são responsáveis pelas suas manifestações verbais e realizações exteriores.

“ Sentindo, intimamente, a presença de Deus, a convivência social e as imposições educacionais, criam condicionamentos que, infelizmente, em incontáveis indivíduos dão lugar às dúvidas atroz em torno da sua origem espiritual, da sua imortalidade.

“ Mesmo quando se vincula a alguma doutrina religiosa, com as excepções compreensíveis, o comportamento moral permanece materialista, utilitarista, atado às paixões defluentes do dever e da razão.

“ Na falta desse equilíbrio, adopta-se atitude de rebeldia, quando não se encontra satisfeito com a sucessão dos acontecimentos tidos como frustrantes, perturbadores, infelizes...

“ Desequipado de conteúdos superiores que proporcionam a auto-confiança, o optimismo, a esperança, essa revolta, estimulada pelo primarismo que ainda jaz no ser, trabalhando em favor do

egoísmo, sempre transfere a responsabilidade dos sofrimentos, dos insucessos momentâneos aos outros, às circunstâncias ditas aziagas, que consideram injustas, e, dominados pelo desespero fogem através de mecanismos derrotistas e infelizes que mais o degrada, entre os quais o nefando suicídio...

“Na imensa gama de instrumentos utilizados para o autocídio, o que é praticado por armas de fogo ou mediante quedas espectaculares de edifícios, de abismos, desarticula o cérebro físico e praticamente o aniquila...

“ Não ficariam aí, porém, os danos perpetrados, alcançando os delicados *tecidos* do corpo perispiritual, que se encarregará de compor os futuros aparelhos materiais para o prosseguimento da jornada de evolução.

“ É inevitável o renascimento daquele que assim buscou a extinção da vida, portanto degenerescências físicas e mentais, particularmente a **anencefalia**.

“ Muitos desses assim considerados, no entanto, não são totalmente destituídos do órgão cerebral.

“ Há, desse modo, anencéfalos e *anencéfalos*.

“Expressivo número de *anencéfalos* preserva o cérebro primitivo ou reptiliano, o diencéfalo e as raízes do núcleo neural que se vincula ao sistema nervoso central...

“ Necessitam viver no corpo, mesmo que a fatalidade da morte após o renascimento reconduza-os ao mundo espiritual. Interromper-lhes o desenvolvimento no útero materno é crime hediondo em relação à vida. Têm vida, sim, embora em padrões diferentes dos considerados normais pelo conhecimento genético actual...

“ Não se tratam de *coisas* conduzidas interiormente pela mulher, mas de filhos, que não puderam concluir a formação orgânica total, pois que são resultado da concepção, da união do espermatozoide com o óvulo.

“ Faltou na gestante o ácido fólico, que se tornou responsável pela ocorrência terrível. Sucede, porém, que a genitora igualmente não é vítima de injustiça divina ou da espúria Lei do Acaso, pois que foi co-responsável pelo suicídio daquele Espírito que agora a busca para juntos conseguirem o inadiável processo de reparação do crime, de recuperação da paz e do equilíbrio antes destruído.

“ Quando as legislações desvairam e discriminam o aborto do anencéfalo, facilitando a sua aplicação, a sociedade caminha, a passos largos, para a legitimação de todas as formas cruéis de abortamento. ...E quando a humanidade mata o feto, prepara-se para outros hediondos crimes que a cultura, a ética e a civilização já deveriam ter eliminado no vasto processo de crescimento intelecto-moral.

“ Todos os recentes governos ditatoriais e arbitrários iniciaram as suas dominações extravagantes e terríveis, tornando o aborto legal e culminando, na sucessão do tempo, com os campos de extermínio de vidas sob o açodar dos mórbidos preconceitos de raça, de etnia, de religião, de política, de sociedade...

“ A morbidez atinge, desse modo, o climax, quando a vida é desvalorizada e o ser humano torna-se descartável.

“ As loucuras eugênicas, em busca de seres humanos perfeitos, respondem por crueldades inimagináveis, desde as crianças que eram assassinadas quando nasciam com qualquer tipo de imperfeição, não servindo para as guerras, na cultura espartana, como as que ainda são atiradas aos rios, por portarem deficiências, para morrer por afogamento, em algumas tribos primitivas.

“ Qual, porém, a diferença entre a atitude da civilização grega e o primarismo selvagem desses clãs e a moderna conduta em relação ao anencéfalo?

“ O processo de evolução, no entanto, é inevitável, e os criminosos legais de hoje, recomeçarão, no futuro, em novas experiências reencarnacionistas, sofrendo a frieza do

comportamento, aprendendo através do sofrimento a respeitar a vida...

“ Compadece-te e ama o filhinho que se encontra no teu ventre, suplicando-te sem palavras a oportunidade de redimir-se. Considera que se ele houvesse nascido bem formado e normal, apresentando depois algum problema de idiotia, de hebefrenia, de degenerescência, perdendo as funções intelectivas, motoras ou de outra natureza, como acontece amiúde, se também o matarias?

“ Se exercitares o aborto do anencéfalo hoje, amanhã pedirás também a eliminação legal do filhinho limitado, poupando-te o sofrimento como se alega no caso da anencefalia.

“ Aprende a viver dignamente agora, para que o teu seja um Amanhã de bênçãos e de felicidade.”

### *JOANNA DE ÂNGELIS*

(Mensagem psicografada pelo médium espírita brasileiro, Divaldo Pereira Franco, na reunião mediúnica da noite de 11/04/2012, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia, quando os Ministros do Supremo Tribunal de Justiça Brasileira julgavam o pedido de aborto do anencéfalo, em Brasília, DF).

Este processo em julgamento e análise em Brasília, não só tem feito correr alguns rios de tinta, como tem motivado as mais diversas reacções em pessoas de diversas etnias e sensibilidade. Do mundo espiritual, é o doce Espírito Joanna de Ângelis que esclarece aquela mãe sobre o porquê de um nasciturno anencéfalo e das teias que ligam um e outro num mesmo processo...

Aqui, mas vivendo o processo distante, como espírita que é, é um colaborador amigo brasileiro que escreve para a ‘Folha Espírita’ as palavras que, igualmente nos dispensou.

## **“SOBRE O DIREITO DE NASCER E DE GERAR**

“Quem eu penso que sou para opinar sobre gravidez, se sou homem e solteiro?

“Quem eu penso que sou para opinar sobre se a mãe de um feto diagnosticado pela medicina como anencefálico, pode ou não decidir de interromper a gestação?

“Não sou ninguém, por isso vou apenas apresentar os factos, e cada um forme sua opinião.

“A medicina explica que a criança já vai nascer sem vida, uma vez diagnosticada a doença, contudo a medicina não é uma ciência exacta, como nenhuma ciência o é, e casos como o da menina Marcela, diagnosticada com anencefalia, e que viveu ainda por mais dois anos, mostra que não somos deuses, e os equipamentos e conhecimentos em que nossas ciências estão apoiadas são falíveis.

“Uma coisa boa do projecto, que está sendo analisado pelos Ministros do Supremo Tribunal Federal, é que a mãe não será obrigada a submeter-se pela antecipação do parto, que é o que a proposta apresenta; contudo, quantas pessoas caem em profunda depressão, inclusive podendo levar à morte, quando recebem do médico um diagnóstico errado. Isto eu digo com conhecimento de causa, pois acompanhando um amigo ao Hospital, para exames de rotina, o médico lhe aferiu a pressão e o aparelho deu uma leitura tão alta que o médico queria interna-lo. Como não sentia nada, fomos até uma farmácia próxima e aferiu novamente, com um resultado normal.

“A liminar garante e protege a liberdade de a mãe decidir se quer manter ou não a gravidez, mas eu pergunto: como alguém pode decidir algo, friamente, quando recebe uma notícia deste calibre?

“Há mães e pais, e não são poucos, que precisam de acompanhamento psicológico para lidar com um aborto

espontâneo, e disto eu também sou testemunha; então imagine uma intervenção nestas condições.

“Novamente eu pergunto: Há psicólogos e mesmo psiquiatras suficientes na rede pública para suprir esta demanda? Creio que não, pois segundo um artigo deste mesmo Jornal, que falava sobre o Hospital Municipal de Itaquera, o número de profissionais que lá trabalham está aquém do ideal.

“Sim, sou homem e solteiro. Não sei o que é gerar um ser vivo dentro de mim. Mas sou filho, e dou graças a Deus pela minha mãe ter-me gerado, assim posso estar aqui, agora, pensando, logo existindo.”

*MARCO ANTÔNIO PEREIRA*

\*

## **RETRATO DE MÃE**

Depois de muito tempo,  
Sobre os quadros sombrios do Calvário,  
Judas, cego no Além, errava solitário...

Era triste a paisagem,  
O céu era nevoento...

Cansado de remorso e sofrimento,  
Sentara-se a chorar...  
Nisso, nobre mulher de planos superiores,  
Nimbada de celestes esplendores,

Que ele não conseguia divisar,  
Chega e afaga a cabeça do infeliz.  
Em seguida, num tom de carinho profundo,  
Quase que, em oração, ela lhe diz:  
- Meu filho, por que choras?

- Acaso não sabes? – replica o interpelado,  
Claramente agressivo,  
Sou um morto e estou vivo.  
Matei-me e novamente estou de pé,  
Sem consolo, sem lar, sem amor e sem fé...  
Não ouvistes falar em Judas, o traidor?  
Sou eu, que aniquilei a vida do Senhor...  
A princípio, julguei  
Poder faze-lo rei,  
Mas apenas lhe impus  
Sacrifício, martírio, sangue e cruz.  
E em flagelo e aflição  
Eis a que a minha vida agora se reduz...  
Afastai-vos de mim,  
Deixai-me padecer neste inferno sem fim...  
Nada me pergunteis, retirai-vos senhora,  
Nada sabeis da mágoa que me agita,  
Nunca penetrareis minha dor infinita...  
O assunto que lastimo é única mente meu...

No entanto, a dama calma respondeu:  
- Meu filho, sei que sofres, sei que lutas,  
Sei a dor que te causa o remorso que escutas,  
Venho apenas falar-te  
Que Deus é sempre amor em toda parte...  
E acrescentou serena:  
A Bondade do Céu jamais condena;

Venho por mãe a ti, buscando um filho amado.  
Sofre com paciência a dor e a prova;  
Terás, em breve, uma existência nova...  
Não te sintas sozinho ou desprezado.

Judas interrompeu-a e bradou, rude e pasmo:  
- Mãe? Não me venhais aqui com mentira e sarcasmo.  
Depois de me enforcar num galho de figueira,  
Para acordar na dor,  
Sem mais poder fugir à vida verdadeira,  
Fui procurar consolo e força de viver  
Ao pé da pobre mãe que me forjara o ser!...  
Ela me viu chorando e escutou meus lamentos,  
Mas teve medo de meus sofrimentos.  
Expulsou-me a esconjuros,  
Chamou-me monstro, por sinal,  
Disse que eu era  
Unicamente o espírito do mal;  
Intimou-me a terrível retrocesso,  
Mandando que apressasse o meu regresso  
Para a zona infernal, de onde, por certo, eu vinha...  
Ah! Detesto lembrar a horrível mãe que eu tinha...  
Não me faleis de mães, não me faleis de amor,  
Sou apenas um monstro sofredor...

- Inda assim – disse a dama docemente –  
Por mais que me recuses, não me altero;  
Amo-te, filho meu, amo-te e quero  
Ver-te de novo, a vida  
Maravilhosamente revestida  
De paz e luz, de fé e elevação...  
Virás comigo à Terra,  
Perderás, pouco a pouco, o ânimo violento,



Terás o coração  
Nas águas de bendito esquecimento.  
Numa nova existência de esperança,  
Levar-te-ei comigo  
A remansoso abrigo,  
Dar-te-ei outra mãe! Pensa e descansa!...

E Judas, nesse instante,  
Como quem olvidasse a própria dor gigante  
Ou como quem se desgarrava de pesadelo atroz  
Perguntou: - Quem sois vós?  
Que me falais assim, sabendo-me traidor?  
Sois divina mulher, irradiando amor  
Ou anjo celestial de quem pressinto a luz?!...  
No entanto, ela a fitá-lo, frente a frente,  
Respondeu simplesmente:  
- Meu filho, eu sou Maria, sou a Mãe de Jesus.

### *MARIA DOLORES*

(In: MARIA, MÃE DE JESUS – psicografia de Francisco C. Xavier e Yvonne A. Pereira; organizado por Edison Carneiro – 1ª ed. Em 2003).



# A CELESTE PERCURSORA

da

## CARIDADE

*“Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?”- JESUS. (Lc., 10:36)*

Fiz parte da exemplificação e didáctica de Jesus, estive presente no coração do Samaritano que auxiliou a vítima dos salteadores da estrada Jerusalém-Jericó, minha presença também se fez notar no coração maternal da ex-obsidiada de Magdala e do severo Tapeceiro Tarcense que se transformaram em Cartas Vivas do Cristo; fiz-me presente na alma do doce “*Poverello*” de Assis e de tantos outros anónimos cujos nomes a História não registou, mas que estão inscritos na Contabilidade Divina; sou a porta que se abre na direcção dos Anjos do Senhor; tenho, às vezes um sabor acre, visto que germino sempre ao lado dos sofredores, mas sou, na prática, a testemunha viva e inofismável dos ensinamentos do Meigo Rabi; sou o sentimento multifacetado que toda a criatura necessita acoroçoar no imo d’Alma, a fim de conquistar a própria paz; sou o sentimento mais apropriado a fazer que a Humanidade progrida, estímulo todos os bons sentimentos; nunca me aproximo dos distúrbios e aborrecimentos, e todo gesto estóico que salva preciosas Vidas, nasce de minhas entranhas...

Antes que chegue minha irmã-caridade, já me encontro no proscênio da necessidade como sua percursora, pois sei descobrir e auxiliar em todo festival de angústias no palco desolador das dores humanas, sou a virtude que mais aproxima o homem da angelitude, sou a mais lídima expressão do vero amor...

O Espírito Michel afirma <sup>1</sup> que sou “(...) *o sentimento mais apropriado a fazer que progridam os homens, dominando-lhes o egoísmo e o orgulho; sentimento este que dispõe a alma humana à humanidade, à beneficência e ao amor ao próximo; o responsável por comover desde a intimidade até às fímbrias das criaturas quando estas se deparam com os sofrimentos dos filhos do Calvário; a força que as impele a dar-lhes mãos socorredoras e lhes arranca lágrimas de simpatia...*”

Jamais posso compartilhar o mesmo espaço com o egoísmo e tão pouco com a indiferença da consciência ancilosada!... Foi utilizando meus abençoados recursos que Jesus descerrou os véus que encobriam os mistérios ocultos e tristes da morte, descortinando os painéis da Eternidade sem fim... Agasalhem-me no coração e deixem-se levar pelos suaves influxos de minha dilecta irmã, a Caridade, e retribuirei com paz, harmonia, serenidade e amor, pois me chamo **PIEIDADE!...**

1 – Kardec, A. “O Evangelho S/o Espiritismo”, cap. XIII, item 17 – FEB).

**ROGÉRIO COELHO**

(Mauriaé – M Gerais – Brasil)

# PÁGINAS DO PASSADO

## MORREU CAMILLE FLAMMARION

*3 de Junho de 1925*

Ao terminar este livro, recebemos a pungente notícia da morte do nosso querido amigo, o ilustre sábio Camille Flammarion.

A nossa pena é profunda e perguntamos a nós mesmo, porque será que sendo a morte a única coisa certa neste mundo, tanta estranheza nos causa?...

Não sabemos por ventura, que vimos a este planeta condenados a trabalhos forçados, seguidos da pena capital?... Não se começa a morrer assim que se nasce? Cada dia, cada hora, cada minuto, cada instante, não leva de nós um pedaço?... E se nada se perde, se nada sai do infinito, para onde vão esses pedaços?...

Flammarion pensava que a continuidade da vida depois da morte do corpo, estava suficientemente provada, por milhares de manifestações.

Se Flammarion se não *enganou*, deve sentir-se feliz ao transpôr a fronteira do grande *Segredo* que ele procurou durante toda a sua vida terrestre, e pela bela missão que lhe coube.

Flammarion semeou e colheu! Foi sempre útil à humanidade.

Desde muito novo, apaixonou-se pela astronomia e entrou para o Observatório de Paris, quando Le Verrier, o grande astrónomo, era director desse estabelecimento. Porém, como Le Verrier só queria que se tratasse apenas da parte árida dos algarismos, Flammarion, que desejava ir além, aborreceu-se e deixou o Observatório ao fim de três anos, para ter a liberdade de estudar os astros, de admirar e contemplar o belo céu estrelado, que durante a noite extasia os nossos olhos. Seguiu, portanto, a sua orientação pessoal e um dos característicos do seu feitio, era interessar-se por todas as novidades.

Impôs-se, então, três tarefas: A vulgarização da Astronomia, à altura de todas as mentalidades; a paz entre os homens e o grandioso problema da Metapsíquica.

Fundou a Sociedade Astronómica de França e devido à generosidade de um seu admirador, que lhe ofereceu um palacete, ali mandou construir o seu belo Observatório de Juvisy. A bela propriedade, que tinha pertencido à côrte de França, onde o rei Luiz XIV repousava alguns dias, quando ia para o seu palácio de Fontainebleau, possui um magnífico parque, onde Flammarion obteve licença para mandar construir um túmulo para ele e sua mulher.

Flammarion desejou que os seus restos mortais ficassem no seu jardim, onde ele todos os dias passeava admirando as belezas da natureza.

O querido amigo morreu em plena actividade intelectual, apesar da sua avançada idade: 83 anos!... Além de sábio tinha uma alma de poeta e um sentimento de bondade especial, que o fazia

amar, não só a humanidade, como também os animais, que tanto sofrem o mau trato dos seres humanos.

Enfim, o mais interessante, para nós, sem dúvida, além da sua brilhante carreira como sábio, como astrónomo, e como escritor, tendo deixado para cima de 60 obras, foi o seu entusiasmo pelas ciências metapsíquicas, último ideal que preocupou profundamente o seu belo espírito, hoje fugido para regiões desconhecidas!...

A Flammarion coube a morte de um justo. Depois de ter admirado, da janela do seu escritório, a beleza do dia, traduziu um artigo inglês sobre astronomia. Sua esposa, M.<sup>me</sup> Flammarion, cheia de cuidado, havia algum tempo, devido a um lumbago que o atormentava, estava próxima dele quando o viu empalidecer, aproximou-se a perguntar-lhe o que tinha e Flammarion encostando-se ao seu peito, só disse: Ai! O meu coração!... E a luz brilhante do seu espírito fugiu... para onde...?

“O desconhecido de ontem, é a verdade de amanhã, dizia o ilustre amigo. Veremos!...”

Uma grande amizade o ligava ao Dr. Charles Rochet que cada vez mais, amava e admirava Flammarion, à medida que o ia conhecendo melhor. A dedicatória, feita no último livro, que ofereceu, ao ilustre professor, era a seguinte: “Hommage d’un étudiant perpétuel” (Homenagem de um estudante perpétuo).

Que o exemplo de Flammarion seja seguido por todos os que desejam investigar o grande Mistério, onde mergulha, cada vez mais, a nossa alma angustiada!... Como o ilustre e querido amigo, sejamos humildes estudantes, procurando, sem desânimo, conseguir levantar a ponta do espesso véu que nos encobre o profundo *Segredo* da Vida e da Morte.

**MADELEINE FRONDONI LACOMBE**

(In: O SEGREDO DA MORTE, de Madeleine F. Lacombe, edição de 1925. Esta obra foi-nos gentilmente cedida por um grande amigo, que pedimos licença para não identificar).

\*

## **Equilíbrio Familiar**

### **A IDENTIDADE SEXUAL DA CRIANÇA E DO JOVEM - A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA**

É o contexto familiar que influenciará  
sobremaneira o comportamento dos filhos

Peter I. Berger, no livro “A Construção social da realidade”, assegura que a identidade, assegura que a identidade, elemento chave da realidade subjectiva, é formada por processos sociais e sua organização constitui etapa central na evolução do ciclo vital humano.

Todos sabemos que em todas as fases da vida o comportamento resulta da interacção que se verifica entre o indivíduo e o meio.

É ainda Berger, na obra citada, que informa sobre os “outros insignificantes”, no período infantil. Esses “outros insignificantes”

são vitais para o desenvolvimento da socialização da criança, uma vez que ela acredita no amor e poder dos pais, na legitimidade das normas sociais e dos ensinamentos religiosos, morais...

Já na adolescência – a primeira grande crise – o que a criança adorava passa a ser simplesmente descartável. Assim, essa fase do desenvolvimento é o período de organização e avaliação dos modelos infantis. Há no jovem a formação do “outro generalizado” na consciência, o que marca uma etapa decisiva na socialização, uma vez que são levados em conta os outros e não somente os familiares.

Há três tipos de identidade na adolescência: a) a sexual, relativa à definição dos papéis sexuais; b) a profissional, a de reconstrução interna (“eu sou, em parte, aquilo que faço”); e c) a ideológica (“eu sou”), que diz respeito ao posicionamento no mundo.

No processo de configuração da identidade surgem as crises, necessárias para que o jovem possa fazer escolhas dentro do mundo. Tais crises trazem prós e contras que provocarão ressonâncias no meio ambiente e nos pais, uma vez que haverá retomada por parte destes dos mesmos conflitos vividos quando adolescentes. A isto o Pro. Knoebel, da UNICAMP, denomina “síndrome da ambivalência dual”. Quando os pais, no entanto, se sentem seguros, menos ameaçados se perceberão no momento em que o filho fizer outras opções que não aquelas esperadas por eles.

Nesse aspecto a Doutrina Espírita explica de maneira clara que cada um tem o seu próprio estágio evolutivo e que, acima de tudo, os filhos não são nossos, pois antes de serem nossos já o eram de Deus.



As crises pelas quais passa o adolescente são de vital importância para que ele possa fazer suas opções no mundo. Dissemos que tais crises trazem prós e contras; no entanto, crise e engajamento constituem etapas sucessivas de uma área de configuração de identidade.

Cada aquisição se realiza em duas etapas: 1ª – o indivíduo passa pela crise (momento em que várias possibilidades se descortinam); 2ª – o indivíduo se engaja na opção efectuada e incorpora sua escolha.

Há quatro posicionamentos básicos diante da identidade: A) Moratório, que diz respeito à adolescência na fase inicial. O adolescente está dentro da crise, mas não são feitos engajamentos. O jovem diz que pretende estudar, mas fica indeciso diante de outras perspectivas. B) Aquisidor é a característica do indivíduo maduro, seguro e sábio, que enfrenta crises e questiona opções. C) – Impedido, que se caracteriza pelo facto de o adolescente ter feito engajamentos, porém sem ter passado pela crise. “Venho de família de médicos, por isso, resolvi ser médico também”. Este tipo de engajamento é perigoso, pois poderão eclodir crises tardias, deixando o indivíduo inseguro e desestimulado em todos os sectores de sua vida. D) Difuso, que diz respeito ao jovem que nem passou pela crise, nem se engajou. Ele só se importa em viver o agora. Há o Difuso Bem Adaptado, que compreende as regras do jogo social e adapta-se às circunstâncias para tirar todo o proveito possível das situações e Difuso Mal Adaptado, que vive sem valores e se isola do grupo social.

É a constelação familiar o laboratório mais adequado para forjar a matriz da identidade. Andolfi, terapeuta de família, afirma: “Em todas as culturas, no processo inicial de socialização, a família modela e programa o comportamento e o sentido de

identidade da criança”. É nela que se estabelece um sistema de laços emocionais responsáveis pela formação da estrutura psicológica de cada ser, constituindo a base do comportamento, das noções, dos direitos e deveres e definindo ainda os modos pelos quais se lida com afecto e emoções.

Daí a importância da atmosfera psicológica do lar, pois constitui ela o contributo emocional para burilar o sentimento. É o contexto familiar que influenciará sobremaneira o comportamento dos filhos.

O sentido do *self* se desenvolve no contacto entre os membros do sistema familiar. À medida que as figuras surgem e se tornam mais agudas no pré-contacto e nas primeiras etapas de contacto da infância, ocorrem constantes interações verbais e não verbais entre a criança e outros no sistema familiar. Quando a criança age, observa, sente, percebe, pensa, e isto se torna conhecido para os outros, o contacto interpessoal com ou sem conscientização, ajuda a dar forma tanto ao repertório de respostas da criança quanto ao sentido de si mesma. A família informa à criança às suas expectativas culturais, étnicas e religiosas, sobre como agir, como pensar, falar, etc.. A família também informa à criança sobre quais afectos são bem-vindos nesse sistema e também quanto aos estilos emocionais e de comunicação preferidos.

O espanhol Ortega y Gasset asseverou: “Eu sou eu e minhas circunstâncias. Se eu não as preservo, não posso preservar a mim”.

Como espíritas sabemos da importância do exemplo, que, mais do que as palavras, arrastam aqueles que compartilham connosco a existência. E ninguém ignora o facto de que para haver a preservação espiritual do reduto familiar é necessário criar uma

atmosfera capaz de ajudar a criatura no enfrentamento dos embates naturais da vida e indispensáveis ao crescimento.

A realização do Evangelho no lar, num dia determinado da semana, certamente contribuirá para que todos os membros da família se fortaleçam nesse cometimento.

***ELAINE CURTI RAMAZZINI***

S. Paulo SP – Brasil

(Transcrito, com a devida vénia, da Revista Espirita Brasileira RIE – Revista Internacional de Espiritismo, Fevereiro de 2000).

\*

## **SUPORTEMOS...**

*“Tenha, porém, a paciência: a Sua  
Obra é perfeita...” – TIAGO 1: 4*

Detem-te **um minuto** no torvelinho das preocupações costumeiras e repara que **deves o próprio equilíbrio à Paciência Divina**, a sustentar-nos em cada instante da vida, através de mil modos.

Muita gente, talvez, em te fitando na ternura do recém-nato, duvidasse da tua capacidade de sobreviver para a existência terrestre, mas Deus teve paciência contigo e **conferiu-te o devotamento materno** que te ajudou a activar as energias do próprio corpo.

Entendidos em psicologia, em te anotando a intempestividade infantil, provavelmente desconfiaram da tua possibilidade de alfabetização, mas Deus teve paciência contigo e **concedeu-te a heroica ternura de professores abnegados** que te abriram novos horizontes no campo da educação.

E a paciência do Senhor, cada dia, **permite, generosa, que tales plantas inermes, que te assenhoreis do suor e do sangue dos animais,** que te apropriés das forças da Natureza e que te valhas, indiscriminadamente, do concurso dos semelhantes para que te alimentes e te mediques, te restaures e te instruas.

Lembra-te dessa **Paciência Perfeita** que te beneficia, e cultiva paciência para com os outros.

O companheiro cuja aspereza te ofende e o aprendiz cuja incipiência te irrita **são irmãos que te rogam cooperação, e entendimento,** e quantos te caluniam ou apedrejem **são doentes que te pedem simpatia e consolo...**

Mas para que colabores e compreendas, harmonizes e reconfortes **é necessário que a tolerância construtiva te alente os passos.**

À frente dos óbices de todo o género, **guarda a paciência que ajuda,** e diante dos ataques de toda a ordem, **cultiva a paciência que esquece.**

Escuda-te, pois, na paciência para com todos, sem jamais te esqueceres de que **a alegria dos homens é a Paciência de Deus.**

*EMMANUEL*

(Psicografia de Francisco C. Xavier, em remessa de Marcelo Vital Brasil, via internet, de S. Paulo – Brasil).

\*

# *Cristianismo Redivivo*

## **A LIÇÃO DO ARADO**

“O acto de seguir a Jesus não é definido como a sensação de uma luz interior, ou a percepção de uma consciência intelectual, mas é comparado com a execução de uma tarefa criativa consumidora e activa, como a de colocar a mão no arado e dirigir uma junta de bois.”<sup>1</sup>

Narra o Evangelho de Lucas a pitoresca história do impetuoso candidato a discípulo, cuja lealdade estava dividida entre a obediência aos padrões culturais da sua época e o suave jugo do Cristo:

*Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas permita-me despedir-me dos que estão em minha casa.*

*Jesus, porém, lhe disse: Ninguém que põe a sua mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus. (Lucas, 9: 61-62)*

Muitos intérpretes salientam que o “despedir-se” da família, no mundo oriental, implicava o pedido de permissão para partir. A autoridade dos genitores, sobretudo a do pai, era suprema, motivo pelo qual a pessoa que partia precisava pedir permissão a quem ficava.

Quando alguém iniciava um novo empreendimento, costumava visitar seu pai na aldeia a fim de lhe pedir a bênção e a permissão para o cometimento, ainda quando se tratasse de um homem independente.

No caso em exame, o candidato condicionava sua adesão ao Cristo à aprovação dos pais, ou seja, buscava conciliar a exigência social da sua época com a convocação espiritual do Mestre. Em resposta à sua súplica, Jesus estabelece um programa árduo, mostrando que a tarefa de segui-lo exige concentração, dedicação e abnegação.

Arar a terra na Palestina do primeiro século envolvia um conjunto complexo de providências. Joaquim Jeremias salientou algumas delas:

*(...) O arado palestino, muito leve, é guiado com uma só mão. Esta mão, geralmente a esquerda, precisa ao mesmo tempo conservar o arado na posição vertical, regular a sua profundidade mediante a pressão, e levantá-lo por sobre pedras e rochas que estejam no seu caminho. O arador usa a outra mão para guiar o boi teimoso com um aguilhão com cerca de um metro de comprimento, provido de uma ponta de ferro. Ao mesmo tempo ele precisa ficar olhando continuamente entre as pernas traseiras do animal, para não perder o sulco de vista. Esta forma primitiva de arado requer destreza, atenção, e concentração. Se o arador olhar para os lados, um novo sulco é aberto fóra da linha. Desta forma, quem quiser seguir a Jesus precisa estar resolvido a quebrar os laços com o passado, e fixar os olhos apenas no Reino vindouro de Deus(...)<sup>2</sup>*

Não bastasse a dificuldade de manejo do arado, o processo de aragem do campo desdobrava-se em múltiplas actividades, tornando a tarefa muito mais exigente do que se imagina à primeira vista:

*(...) A aração era cuidadosa e minuciosa; logo que se quebrava o restolho depois da colheita, abriam-se os sulcos com margens largas entre eles, para facilitar a absorção das chuvas. Ao arar,*

*depois das primeiras chuvas, sulcos mais próximos, divididos por canteiros, eram abertos para propiciar a drenagem; só na terceira aração, antes da sementeira, os sulcos eram feitos consecutivamente, sem canteiros entre eles. O trabalho final era o de cobrir a semente... esse implemento era maior e mais pesado do que o moderno arado árabe, que em geral se parece com ele (...)*<sup>3</sup>

Kenneth Bayley, após ter vivido 47 anos em comunidades agrícolas do Oriente Médio, pesquisando os aspectos culturais e literários que estão por trás dos textos do Novo Testamento, afirma:

*(...) É claro que a aração era uma operação muito exacta, iniciando-se com a abertura de estrias para a absorção da água. Em um estágio posterior, os sulcos eram feitos de forma a permitir a drenagem. Uma terceira aração preparava o solo, e uma quarta cobria a semente depois do plantio. Obviamente, qualquer pessoa que desejasse desincumbir-se de uma responsabilidade destas precisava dar atenção irrestrita ao que estava fazendo (...)*<sup>4</sup>

Reflectindo acerca da lição do arado, é forçoso concluir que o arador distraído poderá bater com o arado em uma rocha, quebrar sua ponta de madeira, cansar inutilmente a parelha de animais, cortar, sem rumo, o campo não arado, ou destruir o trabalho já realizado. Em suma, o arador deve equilibrar o serviço feito, o que está por fazer, e aquele que já está sendo realizado, já que qualquer distração tornará sua acção não apenas improdutiva, mas também destruidora.

No tocante ao símbolo do arado, é valioso o ensino de Emmanuel:

*O arado é aparelho de todos os tempos. É pesado, demanda esforço de colaboração entre o homem e a máquina, provoca suor e cuidado e, sobretudo, fere a terra para que produza. Constrói o berço das sementeiras e, à sua passagem, o terreno cede para que a chuva, o Sol e os adubos sejam convenientemente aproveitados.*

*É necessário, pois, que o discípulo sincero tome lições com o Divino Cultivador, abraçando-se ao arado da responsabilidade, na luta edificante, sem dele retirar as mãos, de modo a evitar prejuízos graves à “terra de si mesmo”.*

.....  
*Um arado promete serviço, disciplina, aflicção e cansaço; no entanto, não se deve esquecer que, depois dele, chegam semeaduras e colheitas, pães no prato e celeiros guarnecidos.<sup>5</sup>*

O servidor do Cristo conhece o cansaço, jamais o desânimo. Conhece o peso e a rotina do arado, mas aprende no trabalho de cada dia que a disciplina não é um cárcere, é a chave da porta, como dizia Chico Xavier.

### **HAROLDO DUTRA DIAS**

1 – BAYLEY, Kenneth E. *Through peasant eyes*. Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1983. Cap. 2, p. 32;

2 – JEREMIAS, Joaquim. *As parábolas de Jesus*. 9. Ed. São Paulo: Editora Paulus, 2004. Parte III, cap. VI, p.196;

3 – APPELEBAUM. *The jewish people in the first century, apud* BAYLEY, Kenneth E. *Through peasant eyes*. Combined Edition. Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1983. Cap. 2, p. 30.

4 – BAYLEY, Kenneth E. *Through peasant eyes*. Combined Edition. Michigan: Eerdmans Publishing Company, 1983. Cap. 2, p. 30.

5 – XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*. Pelo Espírito Emmanuel, 29 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007, Cap. 3

(In Revista Espirita Brasileira REFORMADOR, FEB, dezº/2008)



\*

\*

## **ELES QUE DECIDAM!**

Temos ouvido pais que, interrogados sobre a orientação religiosa que estão a dar a seus filhos, nos respondem despreocupadamente que “Nenhuma! Quando forem adultos, eles que decidam!” Esta resposta, repetida *n* vezes, chama forçosamente a nossa atenção para a maneira como, muitas vezes por uma questão de comodismo, nós deixamos escapar

oportunidades extraordinárias de ensinamento e expansão da fé e moralização crística aos nossos mais pequeninos.

Todos nós sabemos, sim, que a nossa crença de hoje poderá não ser, Amanhã, a dos nossos filhos, mas é nosso dever de pais incutir no coração das “nossas criaturinhas” o amor, o respeito, o ensino moral que Jesus nos deixou quando na Terra, para não termos que os ouvir um dia, quem sabe se num lamento ou numa censura, que não têm fé porque nunca ninguém os ensinou. Os nossos filhos não nos pertencem: Deus entregou-os ao nosso cuidado, por empréstimo, para os ensinarmos e orientarmos, para lhes prepararmos os primeiros passos, para ajudarmos a que cresçam... Toda a planta, para dar bons frutos, teve de ser preparada, cuidada, podada, colocada em terra bem arroteada... com as crianças acontece o mesmo: se não forem preparados de pequeninos, começam a crescer sem a “estaca” que os ajudará a manterem-se direitos e escorreitos; e a estaca deles é a fé, que advém do amor por Deus, por Jesus e Maria, e, na continuação, pelo próximo – como fazendo parte da Lei Divina. Se nos abstermos desta preparação, destes ensinamentos, como poderemos esperar que eles cresçam de alma sã, cultivando o amor e a amizade, respeitando o próximo para serem por ele respeitados?

Note-se: os pais deixaram de falar de Deus a seus filhos, deixaram de os orientarem para uma qualquer religião – seja a que eles sigam, seja uma qualquer, ainda que pondo-se o caso de não seguirem nenhuma... Paralelamente, nas escolas, deixou de haver a disciplina de moral e religião: tiraram-se os crucifixos das aulas para não se ‘ofenderem’ aqueles alunos cuja religião não tinha o Cristo... as crianças começaram a crescer sempre mais penderes da fé que ninguém lhes incutia: nem os pais, em casa, nem os professores, nas escolas. Veja-se o resultado, a longo prazo, desta última atitude: sempre mais desequilibrados emocionalmente,

escondidos na mentira com que a maioria das vezes enganam os mais velhos, os mais pequenos quiseram começar a “provar” que eram gente. Como fizeram? Pegando em armas, que levavam escondidas, e atirando indiscriminadamente para colegas e professores. Porquê? Apenas... por nada, porque estavam stressados, porque queriam que alguém se preocupasse com eles!

Triste maneira de um jovem chamar a atenção dos mais velhos – da mesma maneira que é triste quando começam a fumar maconha ou a drogarem-se porque “se ninguém se preocupa comigo, porque não hei-de fazer o que me apetece?”...

Conhecemos alguns pais de hoje que choram o facto de não terem dado nenhuma orientação religiosa aos filhos, quando eles foram pequenos: a ideia que, mais tarde, eles procurariam, foi um “tiro que lhes saiu pela culatra” porque, quando atingiram a idade adulta os filhos, habituados a não pensarem em Deus, resolveram simplesmente continuarem na mesma e, pais mais tarde, fizeram com os filhos o mesmo que os seus tinham feito com eles.

E, quando regressarem ao mundo espiritual e lhes perguntarem: “Que fizeste das crianças que eu confiei à tua guarda?”, o que é que cada um vai responder?

Então, vamos colocar nos corações das nossas criaturinhas, o nome e o conhecimento de Deus... e demos tempo ao Tempo!

**M. V.**